

CAPÍTULO XI – Diálogos com a modernidade e a modernização em *América*, de Monteiro Lobato

Ms. Vanessa de Paula Hey

A *mérica*, publicada em 1932, diferentemente das produções anteriores de Monteiro Lobato (1882-1948), apresenta-se como um texto híbrido – “misto de impressões de viagens, romance de ideias e crônica social”²⁵² – que tem como centralidade o desenvolvimento de uma temática pouco explorada pelo autor em suas obras pregressas, a saber, a discussão de questões relacionadas à nação norte-americana, tanto aquelas que dizem respeito a sua economia, política e organização social, quanto as que se referem aos costumes e manifestações culturais daquela sociedade, os Estados Unidos do final da década de 1920 e início dos anos de 1930.

Através da análise e da investigação das fontes de muitos dos diálogos que se estabelecem entre os personagens dessa obra, podemos afirmar que ela deixa transparecer, em certa medida, a experiência norte-americana que Lobato teve nos anos em que lá trabalhou como adido comercial, de 1927 a 1931.

Em *América*, conduzidos por um narrador brasileiro (que não recebe nome na narrativa) e por seu interlocutor inglês, Mister Slang, percorremos os mais diversos lugares nos Estados Unidos (museus, bibliotecas, ruas, cafés, etc.), passando-se a impressão, por vezes, de se tratar apenas de um relato tradicional de viagem, porém, essa noção é superada pelas reflexões feitas acerca desses mesmos espaços. Os diálogos construídos apresentam

²⁵² MARTINS, Milena. Censura na América. In: *Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011, p. 1.

opiniões e possíveis explicações para o progresso e desenvolvimento científico e tecnológico da nação norte-americana, como um elogio ao grau de modernização alcançado por essa sociedade – “faceta pela qual o livro é mais conhecido”²⁵³.

Apesar de o processo de modernização pelo qual passava a sociedade brasileira da mesma época não ter protagonismo na obra, as reflexões sobre o progresso alcançado pelos Estados Unidos também se dirigem ao Brasil, uma vez que procuram interpretar a situação do país (que, de acordo com os personagens estaria aquém de suas potencialidades) e apresentar sugestões para seu desenvolvimento econômico e social, tais como o investimento em propaganda, a abertura de estradas e a criação de mecanismos de comunicação eficientes²⁵⁴.

Dessa obra, podem-se extrair, ainda, posicionamentos a respeito da industrialização, do crescimento econômico e da modernização das estruturas sociais (de que são exemplos o voto secreto e a presença das mulheres nas ruas e no mercado de trabalho) vinculados aos costumes e ao modo norte-americano de agir. Em *América*, o leitor tem contato com uma nação que caminha a passos rápidos nesse processo — tão desejado naquele momento, segundo os personagens — de modernização.

‘Modernização’ em *América*

Nessa narrativa híbrida, a modernização pode ser vista, por exemplo, na complexidade da rede de metrô, na construção dos *skyscrapers*, no rádio, no cinema falado, nas linhas de produção de massa, nas descobertas que se propagavam rapidamente e nas mudanças nos costumes e nas leis. Há o elogio ao petróleo, ao ferro e ao aço e, também, ao sistema educacional, com a democratização do ensino. Essas são as formas mais evidentes de se encontrar a representação da modernização e reflexões sobre ela nessa obra.

²⁵³ MARTINS, Milena R. O Brasil na América: imagens do Brasil e dos Estados Unidos na obra de Monteiro Lobato. *Revista de Literatura Brasileira / A Journal of Brazilian Literature*, Porto Alegre/ Providence-USA, v. 37, p. 62, 2008.

²⁵⁴ Idem, p. 6.

Outra forma está presente, de modo mais específico, no capítulo VIII²⁵⁵, o qual discute o sistema de estradas norte-americano.

O narrador inicia esse capítulo descrevendo sua experiência com as estradas norte-americanas: “Como fosse o meu primeiro contato com as estradas americanas, abri-me em espantos”²⁵⁶. ‘Espantos’, reação de alguém que se encontra impressionado com aquilo que vê, seja pelo status faustoso e de novidade apresentado pelo objeto de admiração, seja pela grande distância que o separa de sua realidade – a brasileira, no caso do narrador.

Em tom elogioso – que perpassa quase toda a narrativa –, o narrador discorre sobre o desenvolvimento alcançado pelos Estados Unidos. Por suas contas, considerando como marco inicial o processo de independência dessa nação, os avanços resultavam de um século e meio de incessante crescimento – os Estados Unidos deixaram de ser colônia em 1776, enquanto o Brasil só alcançou sua independência quase meio século mais tarde, em 1822.

Tudo incrível nesta terra absurda. Quando me lembro que foi em 1776 que este país deixou de ser colônia – século e meio apenas – e que hoje está assim, beirando cinco milhões de quilômetros de estradas de rodagem com as quais despendem 1 bilhão de dólares por ano... Cinco milhões de quilômetros – quarenta metros de estrada por habitante... 26 milhões de autos, um auto para cada cinco habitantes... A mobilidade que isso dá a essa gente, o tremendo aumento de eficiência que traz ao americano são coisas que me apavoram...²⁵⁷

Todos os dados relacionados às estradas norte-americanas que são informados pela narrativa, para além de ajudarem a compreender a reação, ao mesmo tempo de espanto e de entusiasmo, do narrador brasileiro frente à mobilidade de que desfrutava a população dos Estados Unidos em 1930, servem, também, para ilustrar o grau de modernização e eficiência desse país que, desde cedo, investiu em estradas. Investir em estradas – vias capazes de transportar mercadorias e pessoas, de diminuir as distâncias de acesso

²⁵⁵ Capítulo intitulado: “A caminho da velha Gotham. Visão do alto. Não mais o hilita agrícola. O animal mais estúpido que o peru. A máquina forçando o processo da adaptação humana. Os músicos postos à margem”.

²⁵⁶ LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Globo, 2009, p. 75.

²⁵⁷ Idem, p. 75.

a bens e serviços – parece ser, assim, um passo fundamental para um país que se pretende desenvolvido, ao menos no sentido que os personagens em *América* atribuem a desenvolvimento (relacionado ao seu caráter industrial, científico, econômico e financeiro), uma vez que “a falta de acesso fácil, rápido e de custo baixo entre os mercados produtores e consumidores acarreta a estagnação do crescimento, a perda de competitividade diante de potenciais concorrentes estrangeiros, a consequente redução dos níveis de emprego e o empobrecimento da população das regiões afetadas”²⁵⁸.

Tais ideias sobre a importância de se investir em estradas se conjugam às do narrador, que, ao refletir sobre as estradas norte-americanas, compara-as a uma rede de veias circulatórias, cuja principal função é fazer com que cada “glóbulo de sangue” – que aqui serve de metáfora para cidadão – circule pelo organismo “sem entraves”, ao mesmo tempo em que ela é responsável por dar vida a todos aqueles pertencentes ao organismo – a sociedade norte-americana como um todo²⁵⁹. A corrente sanguínea já servira anos antes a Lobato como imagem para a discussão da questão do transporte no Brasil, é o que se vê, por exemplo, no artigo “Estradas”²⁶⁰, em que o autor diz serem estas o aparelho circulatório de um país – “um sistema de artérias e veias de um corpo [...] quanto mais perfeitas e mais bem coordenadas são elas, mais fluente é o curso das riquezas e mais rápida e sólida a prosperidade do país”²⁶¹. Assim, a reflexão de Lobato em 1920 permanece no livro de 1932.

O narrador brasileiro, ao retomar sua reflexão sobre as estradas, afirma que, sem elas, “não há país”, ou, ao menos, um país que se queira desenvolvido, visto que o amplo investimento nestas se configura como uma das razões atribuídas tanto por ele quanto por Mister Slang para a riqueza e progresso dos Estados Unidos, lugar onde “o glóbulo yankee, aos milhões, [circula] sem folga na rede imensa de artérias e veias!”²⁶². De forma semelhante, Lobato também acreditava haver uma estreita relação entre o nível de riqueza de

²⁵⁸ SERMAN, Carlos. *Análise dos aspectos críticos em processos de concessão de rodovias*. 273p. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Transportes) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008, p. 15.

²⁵⁹ LOBATO, Monteiro. *América*. Op. cit., p. 75.

²⁶⁰ Artigo publicado em *O Estado de S. Paulo* em 2 de abril de 1921 (VALENTE, 2010, p. 24).

²⁶¹ LOBATO, Monteiro. *Na antevespera*. São Paulo: Globo, 2008, p. 293.

²⁶² Idem, p. 75.

um país e o investimento na construção de estradas, relação que pode ser encontrada na associação que o autor faz entre a falta de prosperidade no âmbito econômico, político e moral de um país e os problemas de circulação que este mesmo país apresenta – variáveis que estão diretamente associadas, já que pelas vias circulatórias “não circulam apenas as utilidades econômicas”, mas, também, outros fatores, tais como “a instrução e a saúde do povo”²⁶³.

O tom de elogio e de celebração assumidos pelos personagens na representação de aspectos da modernização dessa sociedade de que o sistema de estradas é exemplo, por vezes, aproxima-se daquilo que Flora Süssekind chamou de “mimesis sem culpa”²⁶⁴. Esse procedimento ocorre quando o horizonte técnico de um determinado período de uma nação passa a enformar a sua produção cultural através da imitação, que se dá, na maioria dos casos, de forma apologética. Essa imitação acontece tanto “via representação explícita [...] dos artefatos modernos, dos novos meios de locomoção e comunicação, da nascente indústria do reclame e da imprensa empresarial”²⁶⁵, quanto por meio do uso, nos textos literários, “de procedimentos característicos à fotografia, ao cinema e ao cartaz”, o que acaba por transformar “a própria técnica literária”²⁶⁶. Esse processo é observado pela autora nas produções culturais, de forma geral, e nas literárias, de forma específica, quando elas passam, por exemplo, a tematizar as novas técnicas e artefatos modernos, o que se dá normalmente em tom entusiástico.

Süssekind encontra o que chamou de “*mimesis* sem culpa” nas obras de João do Rio, em que as narrativas não apenas tematizam os artefatos modernos e as novas técnicas, mas também são enformadas por eles, deixando transparecer certa sedução e encantamento face às novas tecnologias da época. Em *América*, esse recurso pode ser percebido nos momentos em que há a representação dos processos de modernização, que são figurados, normalmente, em tom enaltecido, quase sem questionamentos, e sem justas relativizações – uma vez que a obra tende a comparar cenários bastante

²⁶³ LOBATO, Monteiro. *Na antevéspera*. Op. cit., p. 293.

²⁶⁴ SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

²⁶⁵ Idem, p. 15.

²⁶⁶ Idem, p. 15.

distintos, como o brasileiro e o norte-americano, em que julga o primeiro atrasado em relação ao segundo, desconsiderando naquele momento as peculiaridades do processo de formação e modernização de cada uma dessas nações. Além disso, mais do que apresentar artefatos e técnicas modernas, *América* discute processos de modernização em maiores escalas, como o da industrialização, da urbanização e de mudanças sociais e culturais.

Assim, da mesma forma que as novas máquinas e tecnologias, que passam a fazer parte do dia-a-dia da sociedade urbana brasileira nas duas décadas iniciais do século XX – e que estão diretamente relacionadas ao processo de modernização –, apresentam-se de maneira sedutora nas narrativas de João do Rio, como destacado anteriormente, as inovadoras técnicas de industrialização e urbanização da sociedade norte-americana de meados de 1930, assim como seus recém-inventados artefatos modernos também são valorizados e celebrados em *América* – movimento realizado tanto por seu narrador quanto por Mister Slang. Para além da questão das estradas e da indústria automobilística, tome-se como exemplo também a situação das cidades subterrâneas nova-iorquinas, que são discutidas no capítulo XXIII²⁶⁷ de *América*:

O mundo subterrâneo de Nova York vale, como maravilha, todas as sete do mundo antigo somadas. Um sistema de viação copiado às formigas, onde as formigas nova-iorquinas trafegam incessantemente aos bilhões por ano. Em 1930 o tráfego pelos *subways* foi de, exatamente, 1.971.845.159 formigas humanas. [...] A cidade subterrânea é de fato uma cidade subterrânea. Nela pode uma criatura morar toda a vida sem nunca ter necessidade de vir à tona. O comércio floresce luxuriosamente dentro da terra. Lojas de tudo – desde roupas brancas até livros. Muito livro comprei lá dentro, nos magníficos stands da Grand Central. Restaurantes, hotéis, casas de calçados, de roupas feitas ou por fazer, barbeiros, engraxates, cutelarias, *hosieries*, *drugstores* – até agências bancárias. Ali se desconta um cheque tão rapidamente como na superfície. Dali um homem de negócios telefona para todas as partes do mundo, como do seu escritório comercial.²⁶⁸

O elogio ao processo de urbanização e mobilidade representado pelas

²⁶⁷ Capítulo intitulado: “Nova Iorque é um cacho de cidades. Sua riqueza. Vida subterrânea. Up Town. O sistema de estradas de ferro metropolitanas”.

²⁶⁸ LOBATO, Monteiro. *América*. Op. cit., p. 176-177.

“cidades subterrâneas” de Nova Iorque pode ser encontrado logo no começo dessa citação. Ao mencionar as maravilhas do mundo antigo, o narrador não deixa de contrastá-lo com os Estados Unidos, destacando a posição atual, protagonista e, provavelmente, solitária desse país no que ele chamaria de mundo novo. O tom apologético também se estende à descrição dos complexos sistemas da rede de *subways*, compostos, de acordo com a narrativa, por uma estrutura suficientemente engenhosa, capaz de garantir uma enorme mobilidade aos seus cidadãos, além de serem equipados com outros serviços semelhantes àqueles encontrados na superfície das cidades – o que motiva o narrador a considerá-los como verdadeiras “cidades subterrâneas”, já que, em suas palavras, pode nelas uma pessoa “morar toda a vida sem nunca ter necessidade de vir à tona”.

Anuncia-se, assim, a eficiência dessas cidades subterrâneas que funcionam de forma análoga às da superfície, com um nível semelhante de autossuficiência e desenvolvimento. Em nenhum sentido esse aspecto do processo de modernização da nação norte-americana daquela época desaponta o narrador ou mesmo é questionado por ele; o narrador brasileiro está constantemente a se surpreender com cada novo elemento descoberto dessa sociedade (que tanto destoa da sua e que supera as suas expectativas), motivo pelo qual ele adota, na maior parte do tempo, um tom elogioso e de surpresa em suas narrações e análises desse contexto.

E a modernidade?

Em América, a modernidade – pensada como uma condição social de existência significativamente diferente de todas as formas anteriores vivenciadas pela humanidade²⁶⁹ ou, como “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”²⁷⁰ – está presente na discussão de uma variedade de temas, como, por exemplo,

²⁶⁹ SHILLIAM, Robbie. Modernity and Modernization. In: Robert A. Denemark (Ed.). *The International Studies Encyclopedia Vol. VIII*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, p. 5214-5232, p. 5214.

²⁷⁰ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991, p. 11.

o abuso de crédito, a cultura de massa, o “movimento de colmeização” e a morte do indivíduo. Tais temas são retomados aqui por meio da análise do Capítulo XXXII²⁷¹.

Dos muitos passeios que já acompanhamos durante a leitura de *América*, relata-se, neste capítulo, a visita ao Lago Walden, onde 80 anos antes, lá por 1845, o escritor Henry David Thoreau fixara residência. Mister Slang o chama de “o mais individual dos individualistas americanos”²⁷².

Walden, obra publicada em 1854, apresenta vários relatos de experiências e experimentos realizados por Thoreau, assim como inclui uma série de reflexões sobre o período de tempo em que esse autor viveu às margens do Lago Walden, entre os anos de 1845 e 1847. Já no início da narrativa, Thoreau apresenta a sua proposta:

Quando escrevi essas páginas seguintes, ou melhor, o principal delas, eu vivia sozinho na mata, a um quilômetro e meio de qualquer vizinho, numa casa que eu mesmo tinha construído à margem do Lago Walden, em Concord, Massachusetts, e ganhava minha vida apenas com o trabalho de minhas mãos. Vivi lá dois anos e dois meses.²⁷³

Essa obra, que se afasta do estilo convencional da prosa de ficção, como também *América*, constitui-se como uma mistura de observações naturais, experiências pessoais e dados históricos. Ela reflete sobre a existência humana, de um lado, como resposta às indagações particulares do autor, e, de outro, como resposta às questões sociais, políticas, econômicas e espirituais que diziam respeito aos propósitos e modos de vida de uma sociedade desenvolvimentista – a nação norte-americana da metade do século XIX vivia seu apogeu industrial e urbano, derivado de um crescimento exponencial que intensificava a complexidade da vida social.

Insatisfeito com aquilo que ele via como resultado do progresso e do desenvolvimento, isto é, os desatinos cometidos contra a natureza e o ser humano, causados pelo advento de um consumismo, descrito como viciante e

²⁷¹ Intitulado: “Walden Pond. Henry Thoreau. Seu personalismo. A morte do indivíduo. Colmeização. A bacanal do consumo. Abuso de crédito”.

²⁷² LOBATO, Monteiro. *América*. Op. cit., p. 242.

²⁷³ THOREAU, Henry David. *Walden*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 17.

vicioso, Thoreau decide mostrar na prática que é possível viver com o mínimo necessário à sobrevivência. Retira-se para as matas, onde mantém um intenso contato com a natureza; constrói lá, com suas próprias mãos, sua moradia e prova, desta maneira, ser possível viver uma vida simples, humilde e viável em termos financeiros.

Thoreau construiu sua própria cabana perto do lago e sobreviveu a partir daquilo que plantou nos arredores. O autor estava consciente de que o progresso e o desenvolvimento da civilização simbolizavam também uma ameaça para a natureza. Acreditava que viver de forma livre (aquilo que ele estava mostrando na prática) era uma forma de renovação espiritual. Ele se afastou da civilização com o desafio de encarar aquilo que acreditava serem apenas os fatos relevantes da vida.

Depois de contar um pouco sobre a história de Thoreau, o narrador em *América* afirma compreender a atitude do autor em se isolar. Diz entender que o chamado progresso é um tipo de escravização que as massas consentem, aplaudem e impõem aos outros. Ambos, narrador e Mister Slang, parecem se refugiar em Thoreau no momento de cansaço da civilização e, embora Mister Slang fosse o mais impetuoso justificador do progresso social, ele também, como muitos, “tinh[a] o passo mais curto que o progresso americano”²⁷⁴. A partir de Thoreau, os personagens vão discutir temas até então não discutidos: o questionamento do progresso, do desenvolvimento e da modernização.

Assim, o que temos até esse momento na obra é aquilo que parece um elogio exacerbado e, até certo ponto, irresponsável a esse grau de desenvolvimento alcançado pelos Estados Unidos. Porém, quando chegamos ao capítulo em que se fala de Thoreau, certos aspectos desse mesmo grau de desenvolvimento parecem ser questionados. Isso acontece quando se fala, por exemplo, no fato de os cidadãos norte-americanos progredirem em corporativismo, sendo diminuídos como indivíduos – o que equivale a dizer que os habitantes dessa nação tendem a uma vida de colmeia, na qual indivíduo e individualidade passam a não contar.

Ora Mister Slang concorda com as ideias de Thoreau, ora discorda, dizendo que é assim que essa sociedade funciona e deve funcionar, sendo que os norte-americanos é que têm que se acostumar, ainda que conclua que eles

²⁷⁴ LOBATO, Monteiro. *América*. Op. cit., p. 243.

se sentem infelizes com todo esse excesso de coisas (advindas do consumismo desenfreado). Se Thoreau já se sentia asfixiado na América da metade do século XIX, como suportaria a América que está sendo representada pela obra de Lobato?

Thoreau percebe a modernidade como uma experiência superficial. O homem moderno, acreditava ele, gasta mais tempo ganhando seu modo de vida, com o intuito de corresponder às expectativas da sociedade e, se possível, guardar para o futuro, do que propriamente vivendo.

O autor evidencia, ainda, que uma vida confortável, atendendo às expectativas da sociedade, só é possível a longas penas. Os homens acabam por pagar com seu tempo, e, portanto, com sua vida, certos padrões sociais que priorizam a obtenção de ganhos materiais da civilização. Uma existência simples levaria o homem a contemplar os fatos essenciais da vida e, assim, seria capaz de mostrar o caminho de convivência harmônica entre o homem e a natureza, e entre o homem e a sociedade que se desenvolvia. É desta forma que *Walden* não apenas relata a estadia do autor na floresta, como também analisa e avalia a sociedade capitalista do século XIX, incitando o leitor a ser crítico e refletir profundamente acerca de seus próprios modos de vida, propondo novas perspectivas sobre o conceito de liberdade.

A menção de Thoreau em *América* não se dá por acaso; ela tem importância na relativização de tudo aquilo que já fora apresentado até então. Se até esse ponto da narrativa lemos com o mais alto tom de elogio os vários aspectos que dizem respeito à sociedade norte-americana, para atestar o seu grau de desenvolvimento e progresso, neste momento, nós (leitores) paramos para pensar nos aspectos não totalmente positivos que o progresso, o consumismo e o mais alto grau de capitalismo nos trazem, a saber, a perda de individualidade, o mal-estar social, a infelicidade e a dependência em relação ao sistema.

Uma das teorias sobre a modernidade que se somará à discussão é àquela encontrada em *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1982), do autor Marshall Berman. Esta obra discorre sobre o caráter paradoxal do indivíduo na experimentação da modernidade, como exemplificado no trecho a seguir:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz.²⁷⁵

Ao que parece, “revolucionário” e “conservador” são duas expressões que descrevem bem a postura do escritor Monteiro Lobato frente à modernidade, bem como parte do movimento estrutural e ideológico encontrado em *América* – um mundo em constante transformação. Essa visão de modernidade permite entender a imagem da sociedade norte-americana feita nessa obra, pois considera o sujeito moderno como aquele que, ao mesmo tempo em que se sente seguro por estar inserido na modernidade (representada por todo progresso, pelas transformações sociais e manifestações culturais de massa), encontra-se desconcertado pela abundância e instabilidade de possibilidades a que está exposto.

²⁷⁵ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 12.